

**Pedro Moreira**

**(Aluno do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)**

**Citação:** MOREIRA, Pedro, "As Asas Do Desejo: Porque é preciso sonhar", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 6 (2007). ISSN 1645-958X.

<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>

Pensar sobre a Utopia é, em grande medida, pensar sobre a origem do desejo humano. Se queremos que o mundo seja verdadeiramente melhor, temos primeiro que perceber o que nos leva a esse impulso. Será inato ao ser humano o desejo de ir mais além, de sonhar e imaginar, de projectar um amanhã diferente do dia de hoje?

António Damásio, no seu magnífico *Erro de Descartes*, coloca o desejo como inato ao ser humano, demonstrando cabalmente a forma como determinadas zonas do nosso cérebro controlam a capacidade de pensarmos no *amanhã*, nas nossas aspirações e projectos para lá do limiar do imediato, do *hoje*. A verdade é que o hoje nos serve de pouco pois não o concretizamos até que se torne um *ontem*. Podemos, no entanto, aprender com ele, analisá-lo para que outro *hoje* seja diferente. O risco inerente a nos limitarmos a procurar reescrever os erros de ontem é tornarmo-nos pouco mais do que Velhos do Restelo, na amargura do tempo ter passado, por não termos embarcado na caravela. Ou então, tendo nela partido e regressado, não termos colhido mais do que a nossa incapacidade de viajar novamente.

É pertinente, no entanto, questionar a nossa vontade de imaginar um outro amanhã caso o presente nos satisfaça por completo, individual e colectivamente. A pressuposição de que caso viva numa sociedade que não lhe apresente problemas ou conflitos a resolver, o Homem prescindirá do desejo é, no mínimo, difícil de aceitar. Já o inverso se apresenta como uma hipótese mais aceitável. Não têm as utopias literárias como base comum uma forma de resolução do problema social? À chegada ao não-lugar de More corresponde o fim do desejo humano?

Podemos assumir duas posições no que toca à origem do desejo: acreditar que é parte da nossa condição ou então considerar que a necessidade ou as circunstâncias sociais, económicas e políticas o despertam. Estes pontos podem ser ilustrados recorrendo a um filme de Wim Wenders, *As Asas do Desejo*. Não pretendo oferecer uma sinopse detalhada, na esperança de que os aspectos focados estimulem o visionamento do mesmo.

O filme, datado de 1987, tem como cenário a cidade de Berlim do final dos anos 80. O guião, inspirado na poesia de Rilke e escrito em colaboração com Peter Handke, acompanha o dia-a-dia da Berlim do final da década, de uma humanidade desiludida que vagueia cinzenta pelas cicatrizes do Pós-guerra. Esta situação é-nos relatada do ponto de vista de dois anjos – Cassiel e Damien – visíveis apenas por crianças e incapazes de qualquer contacto físico com o mundo humano. A sua visão é, significativamente, a preto e branco. Em contraponto, recorre ao longo do filme a narração em *voz-off* de um poema de Handke, *Song Of Childhood*. Esta canção da infância recorda o que depressa esquecemos, esse ponto comum a todo o ser humano, por mais diferente que a sua experiência de vida seja: a criança é o sonhador perfeito.

A criança é capaz dessa proeza de olhar um riacho como um rio, um rio como uma torrente e uma poça como um oceano. Encara o futuro como um território de possibilidade total, a sua construção do mundo não encontra terrenos demarcados pelas barragens da negação. Acima de tudo, é capaz de encarar o futuro em cada momento e de o moldar e construir de acordo com as suas expectativas e sonhos. Creio que recordar as proezas da nossa infância não constitui um exercício inútil de nostalgia mas, cada vez mais, uma proeza maior.

Esta capacidade primeira de sonhar, de encarar o futuro com optimismo, é o fruir primeiro do impulso utópico. "Imagination is more important than knowledge", assim é citado Einstein por Federico Mayor em *Attempting The Impossible*. Não é a utopia o reflexo máximo da vontade humana de ir mais além? O conhecimento só pode conceber a chave para um futuro melhor quando alado pela imaginação, quando carregado pelas asas desse desejo. Na ausência dele, torna-se uma prisão, estagna o Homem na realidade cinzenta da Berlim de Wenders.

É particularmente comovente a imagem de um idoso que procura a Potsdamer Platz de tempos idos, recordando-a num cenário de ruína, ao lado do Muro. Este olhar para o passado nas ruínas do presente serve de metáfora para expressar a perda da oportunidade de reclamar o paraíso quando o

homem perde a capacidade de sonhar e olhar para um futuro melhor.

Ao retratar o Homem nos dois extremos da sua existência – Infância e Velhice – o filme traça o arco dessa perda. O mundo da infância, presente através da recorrência do poema, denuncia a insuficiência e alienação do mundo adulto na sobreposição da narração às imagens. Desta forma, é identificado com o mundo dos Anjos, na medida em que ambos têm capacidade de sonhar: a Criança com o Futuro e os Anjos com a existência material.

Ao metaforizar a Infância num poema, sem concretizar através de uma personagem esta reflexão, Wenders iguala-a à neutralidade observadora dos Anjos. Assim, ambos olham o Homem com esperança e espanto. Recorrentemente, os dois anjos partilham os pensamentos que recolheram na sua observação, maravilhados com a beleza de momentos que passam totalmente despercebidos aos seus donos. A admiração que passa por eles é cândida e, de certa forma, infantil aos olhos do espectador.

Uma Humanidade sem sonho vive destituída e empobrecida: não há beleza ou felicidade. Vive desligada do pulsar que a anima, alienada do melhor que é capaz de produzir, sem conceder sentido à sua existência. Os Anjos, por sua vez, estão em contacto com a maravilha da poesia, da invocação da cor, do sabor, do sentimento. Não é ausente neles a resposta a essa invocação: surge o sonho, o desejo de as experimentar na sua plenitude.

Quando um dos anjos decide abdicar da sua condição, abraçando a mortalidade, fá-lo por crença na capacidade humana de sonhar. O mundo ganha então cor a seus olhos, ganha significado e esperança porque só na condição de *morto* é que faz sentido olhar-se com esperança para o futuro, mesmo que inatingível: “*Sei agora o que nenhum anjo sabe*”, diz o anjo caído no final do filme.

O desejo é então o que confere sentido à existência humana no filme de Wenders. Se a um mundo de fronteiras, de limitações sociais, políticas e económicas, respondemos com o mundo das fronteiras auto-impostas e da alienação, não somos mais do que uma versão a preto e branco da humanidade.

A resposta dada em *Asas do Desejo* à questão da origem do desejo passa pela afirmação de que, mais do que inato, este constitui o sentido mais nobre da existência humana. Diria que, ao sublinhar essa faceta, Wenders defende a necessidade de manter intacta a vontade de transcender os limites que todos conhecemos enquanto crianças. Nenhum Homem se esqueceu de como sonhar, mas a maioria dos Homens perdeu a crença na força e importância de o fazer.

Vivemos um momento historicamente tenso, não sem semelhança ao clima político que deu origem à obra de Wim Wenders aqui discutida: os choques culturais, as palavras “Guerra Nuclear” a insinuarem-se todos os dias na informação que nos chega através dos *media*. Obras como as *Asas do Desejo* tornam-se então vitais porque, ao devolverem respostas positivas ao Sonho e Desejo, devolvem esperança na possibilidade de um amanhã realmente melhor e ao alcance do Homem. Ou como diz o poema de Handke: “When the child was a child (...) it had, on every mountaintop, the longing for a greater mountain yet, and in every city, the longing for an even greater city, and that still is so (...)”.

#### Referências Bibliográficas:

Damásio, António (1995), *O Erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*, Mem Martins, Publicações Europa América

Mayor, Federico (1991), “Attempting the Impossible” in *The Unesco Courier*, February 1991, p.11

*Wings Of Desire*, Dir. Wim Wenders. 1987